

# NÃO É IGUAL

INFORME SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM CASAIS DO MESMO SEXO

Maio 2005

Mónica Fontana - Patricia Martínez - Pablo Romeu

Edita e Coordena: Faça-se ouvir

Colaboram: Foro Espanhol da Família – Instituto de Política Familiar

Índice de conteúdos	
Resumo executivo.....	3
Apresentação.....	5
Prólogo .....	6
1. Direitos do menino .....	7
2. Opiniões divergentes dos peritos o que há por trás? .....	7
2.1. A APA e a AAP.....	7
2.2. Outros investigadores frequentemente citados .....	9
3. Informe .....	9
3.1. Tasker e Golombok (95) .....	11
3.2. Bailey et al (95).....	11
3.3. Cameron e Cameron (96).....	11
3.4. Stacey e Biblarz (2001).....	12
3.5. González M do M et al. (2002) .....	12
4. Outros estudos.....	15
5. Conclusão.....	20
6. Agradecimentos.....	21
Apêndice 1:	
Bibliografia .....	22
Apêndice 2:	
Estudos avaliados no Lerner, R. & Nagai, A. K. (2000a) .....	30
Apêndice 3:	
Alguns estudos avaliados pelo Belcastro, P., et al. (1993).....	31

## Resumo executivo

A prática totalidade dos estudos realizados sobre a evolução dos meninos criados por casais de homossexuais não demonstra nada. Quase todos eles (incluindo os realizados na Espanha) carecem do mínimo rigor científico necessário para poder alcançar conclusões com um grau aceitável de validade. As falhas mais habituais destes estudos são: o tamanho da amostra (normalmente muito pequeno), sua falta de aleatoriedade (os casais homossexuais não são selecionados aleatoriamente, mas inclusive são recrutados por outros selecionados ou por associações homossexuais), o uso de grupos de controle —casais heterossexuais — inadequados, assim como comparar mães lésbicas sozinhas, com mães heterossexuais divorciadas ou separadas, com o que os filhos das mães heterossexuais têm uma desvantagem devido ao trauma do divórcio ou separação. Até a data, não houve nem um só estudo suficientemente amplo e bem realizado do qual tirar conclusões, por isso não pode afirmar-se em nenhum caso, tal e como se fez nesses dias, que os estudos científicos avalizam a adoção por pessoas do mesmo sexo.

Dos poucos elementos a não descartar desses estudos, assim como de outros estudos rigorosos sobre temas conexos, podemos concluir que nos meninos criados por casais de homossexuais são mais freqüentes que na média da população certas condutas ou situações que em geral resultam desfavoráveis para eles:

- São mais freqüentes os problemas psicológicos, e em particular
  - auto-estima baixa;
  - estresse;
  - insegurança em relação a sua vida futura em casal e ter filhos;
  - Transtorno de Identidade Sexual;
  - rechaço do companheiro ou companheira do progenitor homossexual como figura materna ou paterna e preferência por viver com o outro progenitor.
- São mais habituais os transtornos de conduta como:
  - drogadependência;
  - disfunções na conduta alimentara;
  - fracasso escolar: piores qualificações e mau comportamento em aula.
- É mais corrente que sofram experiências traumáticas;
  - ruptura do casal: os casais estáveis homossexuais na Suécia têm um índice de ruptura muito superior aos matrimônios (+37% os homens e +200% as mulheres);
  - abusos sexuais paternos: Cameron e Cameron encontraram 29% de casos em filhos de homossexuais frente a 0,6% em filhos de pais heterossexuais.
- A presença de condutas ou identidades homossexuais é da ordem de 8 vezes mais freqüente que a mediavie

Em relação com o último ponto, e independentemente da valoração moral ou social (positiva, indiferente ou negativa) que pudessem merecer as condutas ou inclusive as meras tendências homossexuais, o certo é os estudos disponíveis mostram que as pessoas homossexuais experimentam com mais freqüência que a população em geral certas situações em princípio desfavoráveis:

- Uma saúde em geral mais deteriorada
  - maior taxa de enfermidades mentais
  - da ordem de 4 vezes mais AIDS e outras Enfermidades de Transmissão Sexual
  - maior tendência ao suicídio
- Condutas de risco em suas relações afetivas
  - mais promiscuidade
  - maior taxa de ruptura de relações
  - alta taxa de relações sexuais com menores de idade

Evidentemente, quando uma pessoa adulta escolhe livremente esta conduta aceita conscientemente estas conseqüências, mas esse não é o caso de um menino que se vê exposto involuntariamente a circunstâncias que lhe fazem mais propenso a

correr estes riscos.

Se aceitarmos o bem-estar do menino como prioridade, à vista da situação da adoção na Espanha e da bibliografia disponível sobre o tema, não podemos assegurar em nenhum caso a idoneidade dos casais homossexuais para adotar meninos. Assim, diante da dúvida que tal quantidade de bibliografia expõe, vemo-nos obrigados a advogar em benefício do menor e solicitar que não se concedam menores em adoção a casais do mesmo sexo.

Completam este relatório três apêndices. O Apêndice 1 contém uma lista da bibliografia consultada e que consideramos relevantes para tratar de determinar a idoneidade da adoção por parte de pessoas do mesmo sexo. No Apêndice 2 incluímos uma lista dos estudos avaliados no Lerner, R. & Nagai, A.

K. (2000a). Por último, o Apêndice 3 cita alguns dos estudos avaliados pelo Belcastro, P., et al. (1993).

Apresentação

Por Ignacio Arsuaga

Presidente do HazteOir.org

Diante da recente tramitação parlamentária no Congresso dos Deputados do Projeto de lei que pretende dar acesso aos casais do mesmo sexo à adoção, se disse, com uma completa falta de rigor, em alguns meios de comunicação que todos os estudos científicos apontam a que não há motivo algum para negar a adoção a casais do mesmo sexo. O Governo e o Parlamento parecem haver-se proposto legislar com apóio a estes supostos estudos que apóiam as teses favoráveis à adoção por casais do mesmo sexo.

O presente relatório pretende recolher o estado da questão na investigação científica, cujas conclusões diferem substancialmente do que com tanta leviandade se difundiu: em efeito, segundo os estudos mais confiáveis, os meninos criados por casais de homossexuais têm um desenvolvimento muito distinto dos que crescem em famílias naturais e, em muitos aspectos, prejudicial para eles. Como poderá comprovar, os autores contribuem com informação e documentação muito relevante sobre os riscos que expõe a adoção por uniões de homossexuais para os meninos, únicos e exclusivos titulares do direito de adoção na ordem jurídica internacional.

Assim, este documento demonstra como, desde o ponto de vista metodológico, muitos dos estudos que se citam para apoiar a adoção por uniões homossexuais carecem do mínimo rigor exigível para ser qualificados de científicos. Em definitiva, entendemos que da mera técnica legislativa, e sem entrar em considerações de qualquer outra índole, que não se pode legislar em função de estudos pouco solventes como os que se analisam neste relatório. Por tudo isso, pedimos aos parlamentares espanhóis que, em caso de dúvida ou de opiniões contraditórias, votem contra um Projeto de lei que, de ser aprovado, poderia supor danos irreparáveis aos meninos que fossem adotados por casais do mesmo sexo.

#### 1. Direitos do menino

Freqüentemente se esquece que são os adotados e não os adotantes os que ostentam o direito de adoção. A adoção deve ir a favor do adotado e sendo especialmente cuidadosos com seu bem-estar, independentemente das aspirações dos adotantes.

Diz a Convenção dos Direitos do Menino que "os Estados Parte que reconhecem ou permitem o sistema de adoção cuidarão de que o interesse superior do menino seja a consideração primitiva" e a própria Declaração dos Direitos do Menino diz que "o interesse superior do menino deve ser o princípio reitor de quem tem a responsabilidade de sua educação e orientação". Em qualquer caso, segundo todas as interpretações tanto legais, éticas e científicas, deve-se preservar o bem do menor.

Uma vez sentado este princípio, cabe perguntar-se se existir evidência científica ou não sobre a idoneidade dos casais do mesmo sexo para adotar meninos. Nas seguintes linhas tratarão de dar resposta a esta questão.

## 2. Opiniões divergentes dos peritos o que há detrás?

Resulta chocante que se afirme que há um consenso entre os investigadores sobre a inocuidade da adoção por casais homossexuais, quando muitos dos mais relevantes não estão de acordo com essa afirmación. Assim o manifestou o Presidente da Associação Mundial de Psiquiatria (o super conhecido Juan José López-Ibor), ou a própria Associação Espanhola de Pediatria, que declarou que “um núcleo familiar com dois pais ou duas mães é claramente prejudicial para o harmônico desenvolvimento da personalidade e adaptação social do menino”. Incluso o American College of Pediatricians em seu relatório “ em seu relatório “ Parenting Issue: Homossexual

Parenting: Is It Theme For Change? ”1 se mostra claramente em contra.

De quem procede então esse pretendido consenso? Quem o defende?

Vejamos brevemente quem são e como trabalham.

### 2.1. A APA e a AAP

Com freqüência se esgrimem as declarações da APA —Associação Psicológica Americana— e os da AAP —Associação Americana de Pediatria— onde se citam certos estudos como prova da inexistência de problemas no desenvolvimento dos meninos em casais do mesmo sexo. Entretanto, parece não existir um só estudo que mostre o contrário.

Para entender esta situação, terá que conhecer a fundo quem realiza estes informes nas associações, os estudos citados, assim como os estudos e dados que se omitem.

## Prólogo

Por Aquilino Polaino Lorente  
Catedrático da Psicopatología  
Diretor do Departamento de Psicologia da Universidade São Paulo

A realidade social é sempre complexa e nas sociedades democráticas avançadas muito mais protéica e diversa. O Relatório sobre o desenvolvimento infantil em casais do mesmo sexo ao que me tem feito a honra, imerecido por minha parte, de prefaciar com estas breves linhas, constitui um apertado, completo e rigoroso elenco da informação científica disponível sobre esta controvertida questão. A assepsia e objetividade que demonstraram os autores deste Relatório parecem ter sido guiadas por aquele princípio do Ernst Jünger que nos recorda que “por tratar de parecer o que não somos, deixamos de ser o que somos”. É muito o esforço que os autores deveram realizar para oferecer, em tão sintética exposição, uma revisão sistemática e atualizada das fontes bibliográficas mais relevantes, hoje disponíveis, qualquer que for o suposto torcido de seus autores e das revistas onde esses artigos foram publicados. Nada recusaram neste trabalho, como tampouco nada acrescentaram que sua colheita, o que é muito de agradecer ao tratar desta Espinosa e problemática questão. Talvez tenham optado por seguir nisto ao Lucio Anneo Séneca, quando afirmava que “prefero incomodar com a verdade que agradar com adulações”. Como especialista em psiquiatria —com uma trajetória profissional de quase quatro décadas assistindo às pessoas que consultam por estes problemas—, tenho que reconhecer a dívida que contraí com os autores deste Relatório. Estou seguro de que sua atenta leitura contribuirá a formar uma sólida opinião em aqueles que vacilam e se balançam nas dúvidas da incerteza, enquanto se sufoca e obstaculiza a mais justa toma de decisões. Baste recordar aqui, por último, aquelas esclarecedoras e proféticas palavras do Martín Lutero King, quem nos advertia de que “teremos que nos arrepender nesta geração nem tanto das ações da gente perversa mas sim dos pasmosos silêncios da gente boa”. Sem dúvida alguma, os autores deste Relatório não ficaram mudos, nem silenciaram nenhum feito, como tampouco pouparam algum no trabalho que, felizmente, realizaram. Por tudo isso, o autor destas linhas lhes rende aqui a modesta homenagem de sua mais sincera felicitação. A associação mais firmemente a favor da adoção homossexual em suas declarações é provavelmente, a Associação Psicológica Americana, que para esta questão, dispõe do seguinte grupo de trabalho:

- Diretor. Dr. Armand Cerbone. Ativista homossexual. Ele e seu companheiro fundaram a Society for the Psychological Study of Lesbian, Gay, and Bisexual Issues (Conhecida como a Divisão 44 da APA). Premiada com a Chicago Gay and Lesbian Hall of Fame.
- Dr. Beverly Green, editor da publicação homossexual Psychological Perspectives on Lesbian and Gay Issues, entre outras. vê
  - Dr. Kristin Hancock, escritora da escritora da Hancock Guidelines for Psychotherapy with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients e várias publicações homossexuais. Membro da Divisão 44.
  - Dr. Lawrence A. Kurdek, tem escrito para a publicação homossexual Contemporary Perspectives on Lesbian, Gay, and Bisexual Psychology
  - Dr. Letitia Anne Peplau. Escritora de vários livros de temática homossexual, lesbianismo e ideologia de gênero.

- Dr. Candace A. McCullough, lésbica conhecida por sua relação com seu casal, já que ambas são surdas, e saltaram a palestra informativa no 2002 por tentar —e obter— mediante inseminação artificial que o filho de sua companheira fora surdo. Pela segunda vez, a companheira de McCullough foi inseminada artificialmente usando esta vez um doador surdo com o fim de aumentar as possibilidades de que o menino fosse também surdo. A primeira filha (Jehanne, de 7 anos) é surda total, o segundo (Gauvin, com 2 anos), só tem uma pequena audição em um ouvido. Segundo elas, ser surdo é “uma forma de cultura”.

Como vemos, não se trata simplesmente de que todas essas pessoas tenham uma conduta homossexual em sua vida afetiva (o qual poderia explicar seu interesse pelo tema, mas não necessariamente comprometer sua imparcialidade), mas sim de que são ativistas do movimento gay altamente comprometidos com a promoção de umas idéias muito concretas. Portanto, não se pode argumentar que o grupo de trabalho encarregado deste tema seja totalmente independente e se mova por interesses unicamente científicos.

Prova disso a dão pessoas como Robert L. Spitzer, que foi um dos responsáveis da eliminação da homossexualidade como enfermidade do DSM-III Manual de diagnóstico editado pela Associação Psiquiátrica Americana— que foi condenado ao ostracismo profissional por ter trocado de opinião. Também o ex-presidente da Associação Psicológica Americana, Robert Perloff, que fala claramente de “ mafias ” dentro da associação que ele presidia, dizendo que “ a APA é muito correta [...] e muito obediente a certos interesses”.

Quanto à Associação Americana de Pediatria, também tem um grupo de trabalho dedicado a este tema, encabeçado por Ellen Perrin. Quando se lhe perguntou em novembro passado a respeito de seus informe que afirma que os casais do mesmo sexo são idôneos para a adoção, teve que reconhecer que as amostras não eram o suficientemente grandes, mas —disse— que se se somavam todos os estudos pequenos, podia-se confiar neles. Também afirmou que os meninos criados por lésbicas tinham “menos agressividade e eram mais tolerantes com a diversidade” e que sofriam “mais estresse” que os criados como heterossexuais. Quando lhe perguntou pela possível orientação sexual destes meninos criados por homossexuais afirmou que era uma pergunta “homófoba” e não deu resposta.

## 2.2. Outros investigadores freqüentemente citados

Muitos dos investigadores que se dedicam a este tema têm, desgraçadamente, uma idéia preconcebida e realizam seus estudos de maneira que confirmem suas idéias. Muito conhecidas por este motivo são Charlotte Patterson e Judith Stacey. Stacey conhecida por seus informes a favor da adoção por casais do mesmo sexo, declarou mais de uma vez que a presença de um pai —masculino é do todo superflua para o correto desenvolvimento de um menino. Além disso, diz não acreditar absolutamente na instituição familiar e que advoga claramente por “ampliá-la” a mais de duas pessoas em um artigo de 1996.

A investigadora Charlotte Patterson, lésbica, foi citada em numerosas ocasiões pelos juizes para atuar como perita no tema. Seus próprios advogados em um julgamento na Florida —ver Amer V. Johnson, (1997)— solicitaram-lhe uma cópia da documentação e dados de seus estudos, suspeitando que tinha usado a amigos em sua elaboração e que portanto, careciam de toda validez, e Patterson se negou rotundamente a lhes entregar os dados. O juiz e ambas as partes lhe insistiram a fazê-lo, mas Patterson não acedeu. O juiz concluiu que seus estudos eram “questionáveis”. Depois, seus estudos foram excluídos da Corte de Florida. Inclusive em outro julgamento no Hawai —Baehr V. Miike (1996)— teve que reconhecer que os filhos de homossexuais padeciam de mais sintomas de estresse e que os estudos que dirigiam não tinham a suficiente representatividade. Patterson defendeu em Patterson (1992) a famosa cifra do Kinsey et al. (1948) —que foi refutada convenientemente por diversos estudos e estatísticas oficiais— de que o 10% da população é homossexual, quando os dados de organismos oficiais como o INE2 nos falam de casos extremos onde se chega a concentrar um 3,3% de pessoas que dizem ter tido alguma relação homossexual, o qual, convém recordá-lo, não implica que sejam homossexuais. Se nos

limitamos ao único dado fiável que temos na Espanha, que é o número de casais, temos que o 0,089% dos núcleos familiares espanhóis é homossexual.(Dados do Censo realizado pelo INE)

### 3. Informe

O que sabemos realmente sobre o desenvolvimento dos meninos criados por casais do mesmo sexo? Em palavras dos doutores Lerner e e Nagai, nada pode afirmar-se. nada pode afirmar-se. Nagai

Vejamos algumas recopilações críticas com os estudos em questão.

#### 2 Dados obtidos de Hábitos Sexuais dos Espanhóis

do Instituto Nacional de Estatística do Instituto Nacional de Estatística

Robert Lerner e Althea Nagai revisaram em 2001 —“ No Basis: what the studies don't tell us about same-sex parenting”<sup>4</sup>— 49 estudos tão favoráveis como contrários à adoção e encontraram graves falhas que invalidavam por completo cada um dos estudos.

No mesmo sentido, Belcastro et al.(1993), “

A Review of Data Based Studies Addressing the Affects of Homosexual Parenting on Children's Sexual and Social

Functioning”, analisaram outros 14, sendo ao menos 11 inaceptáveis 5. Em palavras do Belcastro: “A conclusão de que não há diferenças significativas em meninos criados por mães lésbicas frente a mães heterossexuais não está sustentada pelos estudos publicados.”

Da mesma forma se pronuncia Wardle (1997), chegando a pontuar a qualidade de alguns estudos de “ algo mais que uma anedota”.

Também Morgan (2001), revisa 144 artigos e chega à mesma conclusão.

Stacey e Biblarz (2001)<sup>6</sup>, de uma óptica pró-adoção, fazem uma revisão de 21 estudos pró-adoção dando-os como válidos, mas negando as conclusões. Se nos estudos diz não haver diferenças entre filhos de casais heterossexuais e filhos de casais homossexuais, Stacey e Biblarz argumentam que os há, há mas lhes restam importância.

Quais são as falhas mais habituais destes estudos? Sem dúvida, o principal é o tamanho da amostra. A maioria de estudos dispõem de poucos sujeitos.

Outro deles está acostumado a ser o grupo de controle —casais heterossexuais— inadequado, assim como a falta de aleatoriedade da amostra que se usa, já que os casais homossexuais não as seleciona aleatoriamente, mas inclusive são recrutadas por outros selecionados ou por associações homossexuais. Outra das falhas habituais é comparar mães lésbicas sozinhas, com mães heterossexuais divorciadas ou separadas, com o que os filhos das mães heterossexuais têm uma desvantagem devido ao trauma do divórcio ou separação.

Até a data, não houve nem um só estudo suficientemente amplo e bem realizado do qual tirar conclusões, por isso não pode afirmar-se em nenhum caso, tal e como se fez nestes dias, que os estudos científicos avaliam a adoção por pessoas do mesmo sexo.

Tendo muito presente as limitações destes estudos, é necessário destacar que muitos deles —por não dizer todos— mostram dados discordantes em relação aos grupos de controle ou à meia populacional. em que pese a existir estas diferenças,

certos investigadores preferem disfarçar. Valha o exemplo chamado antes de Ellen Perrin, que quando fala de estudos de filhas de lésbicas, disfarça de

“menor agressividade e mais tolerância” o que é claramente um sintoma de falta de rol paterno por ter carecido de um pai de sexo masculino. Inclusive em ocasiões, tal e como faz Perrin, negam-se a responder a perguntas chave —“será homossexual um menino criado por homossexuais?”— usando argumentos demagógicos —“é uma pergunta homófoba”— em vez de científicos.

4 Se pode encontrar a lista de estudos como apêndice a este documento

5 Nos apêndices se podem encontrar vários destes informes

6 Ver uma explicação mais exhaustiva sobre este relatório mais adiante neste documento Continuando, em que pese a que como já se comentou, têm sérias deficiências, mencionaremos alguns aspectos que se repetem constantemente nestes

estudos, por considerá-los significativos.

### 3.1. Tasker e Golombok (95)

Trata-se de um muito interessante estudo devido a que, face ao reduzido de sua amostra (20 varões e 26 mulheres) é o único conhecido que realizou um seguimento dos meninos biológicos de lésbicas desde sua infância até a idade adulta. A idade Média dos filhos ao final da amostra é de 23,5 anos. Neste estudo os filhos de lésbicas demonstraram ter uma predisposição muito superior à homossexualidade.

Variável	Mãe Lésbica	Mãe heterossexual
Algum tipo de atração sexual pelo mesmo sexo	36%	22%
Consideração de possível relação homossexual	56%	14%
Relações sexuais com o mesmo sexo	24%	0%
Identidade homo ou bissexual	8%	0%
Número	25	21

Este estudo foi revisado pelo Dr. Williams

no 2000 e encontrou que dos resultados, além disso, desprendia-se uma auto-estima significativamente baixa, assim

como problemas sociais e emocionais em filhos de pais homossexuais.

### 3.2. Bailey et ao (95)

Este estudo de 85 filhos adultos (média de 25,3 anos) de pais homossexuais ou bissexuais. As conclusões davam uma percentagem de filhos com identidade homossexual ou bissexual de 9% quando a média está em torno do 1% no EUA —segundo o relatório do Remafedi e colaboradores na revista na revista Pediatrics em 1992—, e ao redor em 1992—, e ao redor de 3.7% em adultos britânicos —Johnson e colaboradores, The Lancet

2001— 2001— enquanto que na França se cifra sobre o 1-2% —ACSF Investigators (1992)—.

### 3.3. Cameron e Cameron (96)

Este estudo goza de uma amostra bastante ampla —mais de 4000 sujeitos— de pessoas que responderam a um questionário que lhes enviou por correio. De entre toda a amostra, 17 afirmaram ter ao menos um pai homossexual. Os resultados mostram que 4/6 varões (67%) e 1/11 mulheres (9%) tiveram uma experiência homossexual e que o 35% se identificava como homossexuais. Inclusive se encontraram diferenças muito significativas quanto a se tinham mantido relações sexuais com seus pais. O resultado foi de 5/17 (29%) em filhos de pais homossexuais frente a 28/4623 (0.6%) filhos de pais heterossexuais.

### 3.4. Stacey e Biblarz (2001)

Uma recopilação de 21 estudos muito importante devido a sua autora —Judith Stacey

— defendeu embora às evidências que não existem diferenças entre meninos criados por homossexuais e heterossexuais. Entretanto, nesta recopilação reconhece pela primeira vez que as mães lésbicas provocam um efeito “feminizante” em meninos e “masculinizante” em meninas. É mais, explica que os filhos das mães lésbicas parecem não adaptar-se ao rol próprio de seu sexo. A própria autora diz textualmente que “as meninas adolescentes criadas por mães lésbicas parecem ser mais aventuradas sexualmente

[...] em outras palavras, uma vez mais, as crianças (especialmente as meninas) criadas por lésbicas parecem desligar-se das normas de gênero tradicionais, enquanto que as crianças criadas por mães heterossexuais parecem aceita-las.”

### 3.5. González M do M et al. (2002)

O informe “Dinâmicas Familiares, Organização da Vida Cotidiana e Desenvolvimento Infantil e Adolescente em Famílias Homoparentais” é virtualmente o único realizado em nosso país sobre o desenvolvimento de meninos por casais do mesmo sexo e é por isso pelo que o analisamos minuciosamente.

Segundo os pontos marcados em artigos como o de Irala, J. e Martinez-González, MA (2004) e outros, encontramos sérias deficiências neste relatório:

1. Os 28 núcleos familiares que estuda são totalmente insuficientes para tirar nenhuma conclusão. É mais, se terá que dividir estes casos em filhos de anteriores

relações heterossexuais ( 15) —que sim tiveram mãe e pai durante certo tempo—, adoção (5) e inseminação (5), sem contar 3 dos casos onde o pai biológico não tem a custódia do menor, e além disso temos em conta que menos 14 dos 28 núcleos familiares eram monoparentais, temos que concluir que nenhum cientista sério trataria de tirar conclusões de uma amostra de tal tamanho. Também é significativo que se contatasse 60 famílias e se desprezassem mais de 50%.

Os investigadores têm que admitir sua discutível representatividade mas o argumentam da seguinte maneira: “A Mostra estudada não pôde escolher-se aleatoriamente, mas foi incidental, ou o que é o mesmo, a configuram famílias que aceitaram participar voluntariamente,[...] Neste sentido, pode discutir a representatividade da amostra mas, como argumentam Patterson e Redding (1996), “neste momento há tantas razões para argumentar que as amostras não representam à população de mães lésbicas, pais gays e seus filhos ou filhas como as que existem para argumentar que sim as representam” (pag.44).

Certamente nem na nossa sociedade, e que saibamos em nenhuma outra, dispõe-se de dados fidedignos do conjunto de famílias homoparentais, por isso não sabemos se estamos estudando uma amostra que representa o universo populacional ou não.

“ A explicação não é absolutamente satisfatória. A amostra não pode ser representativa simplesmente porque é muito pequena por se, independentemente de que se conheça ou não —que sim se conhece, aí estão os dados do INE antes citados— o universo populacional. Muitas outras investigações desconhecem também o universo populacional por falta de dados fidedignos mas não se escudam nessa razão para oferecer uma amostra tão pobre. Além disso, não pode ser representativa porque a seleção não foi aleatória, mas as pessoas que participam têm uma intencionalidade, pois o fazem de forma voluntária ou inclusive recrutadas por associações homossexuais.

2. Como se acaba de indicar, a seleção da amostra não foi aleatória. São os próprios casais, associações de homossexuais ou anúncios em publicações de temática homossexual, entre outras, a principal fonte de sujeitos. Isto junto com a seleção de uma amostra pequena, faz perguntar-se se selecionaram a amostra de forma intencionada. Inclusive os autores reconhecem sua falta de aleatoriedad —ver anterior ponto— e portanto, o grau de distorsão da seleção inerente.

3. É significativo que tanto o nível de estudos —61,5% com estudos universitários— como o nível econômico —salário medio de 1969€, frente à média nacional de 1031€— dos casais homossexuais é muito superior à média.

De novo, assalta-nos a suspeita da seleção intencionada.

Os investigadores argumentam sobre este tema que “poderia expor-se que os dados obtidos tiveram distorsão, dado que a amostra incluía uma sobre-representação de famílias de classe média-alta. [...] duas circunstâncias contribuem a

dar credibilidade aos resultados obtidos: de uma parte, o fato de que sejam coincidentes com os que encontraram outros grupos de investigação de distintos países [...] e, de outra, que as amostras de comparação estejam tiradas do entorno social da própria amostra, e não haja diferenças entre uma e outra. Indo um pouco além nesta argumentação, se se expuser que os dados obtidos podem dever-se à extração social da amostra, seus recursos físicos e psicológicos, seus valores e práticas educativas ou sua implicação com o desenvolvimento e a educação de seus filhos e filhas, está-se reafirmando o que expôs na reflexión anterior: são todas estas dimensões, e não a orientação sexual em si, as que podem contribuir a configurar o desenvolvimento em um ou outro sentido”.

Já se explicaram convenientemente a multidão de falhas e deficiências que estes estudos apresentam pelo que a primeira razão não é válida para justificar uma média de estudos e nível econômico superior. Quer dizer, não se pode validar a suficiencia metodológica de um estudo usando outros estudos claramente deficientes. A segunda razão, que as amostras extraídas do próprio entorno asseguram um igual nível econômico poderia argumentar-se no

caso de uma amostra aleatória, mas não neste caso, onde a amostra foi selecionada. Se a amostra não é aleatória, então o grupo de controle tampouco pode sê-lo —ver Lerner, R. & Nagai, A. K. (2000a), a respeito

dos enganos típicos deste tipo de estudos— e se deve selecionar convenientemente para assegurar que não há variáveis que produzam resultados errôneos.

A pertença a um mesmo centro escolar absolutamente assegura um mesmo nível econômico dos pais ou um mesmo nível de estudos como afirmam os autores.

A última afirmación é totalmente errônea e imprópria de uma profissional da matéria.

Se os fatores social e econômico influem no desenvolvimento do menino, e esses fatores não som controlados na amostra de controle, então não se pode afirmar em nenhum caso que o fator orientação sexual paterna não influi à vista dos resultados. Em outras palavras, se os meninos se desenvolverem melhor em famílias desafogadas economicamente e com boa formação acadêmica, então a investigadora deveria ter controlado estes aspectos na amostra de controle, de outra forma, não podemos assegurar se a variável orientação sexual paterna influi, já que é possível que ambas as variáveis condicionem o resultado.

4. Usam-se dois grupos de controle, o primeiro é de meninos do mesmo sexo (controle de sexo) companheiros de classe dos estudados. O segundo é um grupo de controle de meninos do mesmo nível educativo com famílias do mesmo tipo (controle de família), quer dizer, monoparentais, reconstituída, etc. Como se pode observar o estudo toma grupos de controle totalmente aleatórios, onde não se controlam as variáveis, enquanto que a amostra foi necessariamente —ou, talvez, intencionalmente— selecionada. Como já se comentou antes, este método para selecionar uma amostra de controle é totalmente errôneo neste caso.

5. A amostra de filhos se compõe de 25 meninos, 5 tinham de 3-6 anos, 12 tinham de 6-12 anos e os 8 restantes entre 12-16 anos. Chama a atenção que não se estude nem um só caso de maiores de 16 anos, embora se dispunha de 9 casos, já que nos impede de avaliar

a repercussão da homossexualidade dos pais a uma idade onde possa observar-se de forma correta a orientação

e identidade sexual. De novo, abate-se sobre o estudo a suspeita da seleção intencionada da amostra.

Os investigadores chegam a dar-se conta também deste problema e sugerem “ ampliar a amostra não só em número, mas também também em idades: entrevistando a meninos

e garotas maiores de idade, que viveram e cresceram em lares homoparentais”.

De novo nos encontramos diante de outro estudo com sérias deficiências, mas ainda assim, seria conveniente destacar certas tendências que se repetem uma e outra vez em todos os estudos. Em palavras dos próprios autores: “em dois indicadores estudados, sim obtivemos diferenças significativas: a Flexibilidade nos papéis de gênero e a aceitação da homossexualidade, ambos com pontuação maior nas garotas e meninos de nossa amostra que nos que integravam suas amostras de controle”. Embora os investigadores em seu estudo tratam de disfarçar-lo de “tolerância” e dizer que a sociedade vê bem que se quebrem os rôis de

gênero, este achado confirma o que os estudos sugerem de uma forma clara ou velada: existem diferenças. Poderia-se discutir sobre se são desejáveis ou não estas diferenças, mas não se pode discutir que em todos os estudos se aprecia certa tendência a estas diferenças.

Sem perder de vista as deficiências do estudo, é de destacar outro dado relevante por ser bastante original: as mães biológicas asseguram que só o 36% de seus filhos vêem suas companheiras como uma figura “materna”. Quer dizer, que as próprias mães observam que seus filhos não vêem seus casais como uma figura “materna”.

4. Outros estudos

Outros estudos indicam outras variáveis a ter em conta para a adoção por casais do mesmo sexo. Por exemplo:

1. Cameron e Cameron (2002) refletem os múltiplos problemas de identidade sexual que ocorrem em meninos educados por casais do mesmo sexo.
2. Lewis (1980) embora favorável à adoção dos filhos por parte de casais do mesmo sexo, mostra problemas de convivência entre os filhos e a mãe biológica ou sua companheira. Muitos dos meninos foram levados a terapia por suas mães, e após lhes perguntar, identificavam a terapeuta, em palavras do Lewis, como " a Co-conspiradora de sua mãe". Afirma Lewis que atrás de alguma cita falida com gente do sexo oposto, alguns filhos se traçavam sair com pessoas de seu mesmo sexo, e que algum inclusive afirma que se lhe contava seu fracasso a sua mãe, lhe animaria a provar com pessoas de seu próprio sexo —ver P. 200—.
3. Deevy (1989) indica que os meninos com pais homossexuais mostram sintomas de estresse, raiva para seu pai/mãe biológico/a ou seu companheiro/a, baixa auto-estima, maior índice de drogodependência e uma tendência a autopunir-se. Osman (1972) no mesmo sentido, indica uma relação tormentosa de um filho de 16 anos com a companheira de sua mãe.
4. Javaid (1993) realiza um estudo sobre filhos de mães homossexuais, nascidos em um matrimônio heterossexual anterior. Encontra que os próprios filhos "manifestavam certas reservas" para a mãe homossexual, alguns inclusive tinham uma má relação com ela. Além disso, mostravam-se inseguros respeito a uma vida futura em casal e a ter filhos. Indica Javaid que os filhos habitualmente preferiam viver com seus pais, posto que não se identificavam com a experiência homossexual de sua mãe.
5. Tripp (1998) argumenta que a ausência de um pai ou uma mãe tem conseqüências prejudiciais para a saúde física e psíquica do menino.
6. Em várias revistas científicas de psiquiatria americanas, como o Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry ou Health Psychology e estudos como Welch , Collings e Howden-Chapman (2000); Rothblum (1990) e Sandfort, do Graaf, Bijl e Schnabel (2001) onde se indica que existe uma probabilidade muito maior de que os gays, lésbicas e bissexuais apresentem enfermidades mentais, mais condutas sexuais de risco e em geral, uma saúde muito mais deteriorada que os casais heterossexuais.
7. No Remafedi (1994a) e Remafedi (1994b) entrevista-se a 239 homens homossexuais e bissexuais. O 42% afirmou ter sofrido abusos sexuais sendo menor. Doll et al. (1992) no mesmo sentido, encontram um menor 40.8%.
8. Goode e Troiden (1980) afirmam que, de uma amostra de 150 homens homossexuais de entre 30 e 40 anos, o 69% teve algum contato sexual com um menor  
7 No EUA a maioria de idade se alcança com 21 anos desde que cumpriu os 21 anos, embora precisa que só o 9% destes menores tinha 16 anos ou menos. Indica que o 45% tinha tido 6 ou mais companheiros sexuais menores de idade, o 78% tinha participado de sexo em grupo e o 65% tinha tido até a data mais de 100 companheiros sexuais.
9. Falando sobre transtornos de conduta na alimentação entre jovens, Martinez-GONZALEZ et al. (2003) encontram que uma família distinta a um matrimônio tradicional está diretamente associada com um risco significativamente maior.
10. Green e Bozett (1991), mostram que os filhos de casais heterossexuais, frente aos de lésbicas, tendem a ser mais agressivos, mais dominantes e com uma necessidade de autoafirmação maior. em que pese a que Green e Bozett tratam este achado como positivo para os filhos de lésbicas —inclusive usando terminologia negativa para um comportamento habitual nos filhos de heterossexuais—, o certo é que estes rasgos são próprios de um rol masculino, de que carecem os filhos das lésbicas.
11. O conhecido macroestudio de 1994 "The Social Organization of Sexuality: Sexual Pratique in the United States", onde se indicam os costumes sexuais nos EUA, dá os seguintes dados a respeito da estabilidade dos casais homossexuais:
  - Número meio de casais sexuais no último ano: 1,2 em heterossexuais frente a 8 em homossexuais.
  - Número meio de casais sexuais na vida: 4 frente a 50.

– Entrevistados que se declaram monógamos, quer dizer, 100 % fiéis a seu parceiro/a: 85% frente a menos de 2%.

12. Kurdek e Schmitt (1986) indicam que as relações homossexuais são muito mais instáveis. Duffy e Rusbuilt (1985-86) argumentam que os casais de homossexuais varões são mais estáveis, mas os dados que contribuí mostram uma clara discrepância. Sem incluir os matrimônios, declaram-se 100% fiéis a seu par, o 41% dos varões homossexuais, o 76% dos varões heterossexuais e o 88% das mulheres heterossexuais. No mesmo sentido se mostra Rothblum (1990), falando de lésbicas.

13. Brooks (1989) indica que as aventuras sexuais dos pais têm um efeito negativo nos filhos.

14. De acordo com o Miller et al. (1980), que realiza um estudo sobre as atitudes de várias mulheres heterossexuais e homossexuais, as mulheres homossexuais têm atitudes negativas para os homens. Neste sentido, cita a Loney (1973), que recolhe a resposta majoritária das mulheres lésbicas estudadas, que acreditam que os pais —masculinos— não tratam bem a seus filhos. Miller faz um compêndio de entrevistas nas que relaciona este fato com uma má ou pobre relação das mulheres homossexuais com seu pai, apoiando-se a sua vez em outros estudos prévios. Entre outros, Bell (1978); Caprio (1954) e Saghir e Robins (1973).

15. Herrell et al. (1999) realiza um relatório sobre orientação sexual e suicídio. Fergusson et al. (1999) indica também uma relação neste sentido. A própria Federação de Associações de Gays, Lésbicas e Transexuais (FEGLT) dispõe em sua página Web de um documento em francês sobre a tendência ao suicídio dos jovens homossexuais.

16. Segundo o INE, o número de varões afetados de AIDS a junho de 2003 por contato sexual é de:

– Homossexuales/bisexuales: varões 9.058

– Heterossexuais: varões 5.899

– Desconocido/No Responde: varões 2.402

Caso que os “desconhecido/N.C.” são heterossexuais, e caso um limite máximo de população homossexual masculina na Espanha do 3,3%, temos que a probabilidade de padecer AIDS se dispara quase 4 vezes no caso de varões homossexuais.

17. Segundo relatório Andersson, G. et al. (2004) “Divorce-Risk Patterns in same Sex ‘Marriages’ in Norway and Sweden”, as uniões homossexuais na Suécia —união homossexual com as mesmas conseqüências que o matrimônio, incluído adoção desde 1995— e Noruega —só está legalizada a união homossexual desde 1993— têm um risco de divórcio superior em 50% no caso dos gays e o 167% no caso das lésbicas. Se se controlarem as variáveis demográficas que provocam risco de divórcio, a situação não melhora: 37% mais para os gays e 200% para as lésbicas. Se se levar em conta que na Suécia há 53 divórcios por cada 100 matrimônios, a cifra de divórcios entre homossexuais adquire uma dimensão ainda maior.

18. Estudos relativos a Holanda, do Xiridou et al. (2003), mostram que a duração média de uma relação entre homossexuais “estável” é de um ano e meio.

19. Segundo Deneen (1994) também sobre a Holanda, o número meio de companheiros em pessoas homossexuais com relação estável é de 2,5 o primeiro ano, e chega até 11 o sexto ano, embora, reconhece o autor que são poucos os casais homossexuais que chegam ao sexto ano. McWhirter e Mattison, em seu estudo de 1984 se vêem obrigados a constatar que nos casais homossexuais não existe a fidelidade sexual, embora o disfarçam argumentando que a verdadeira fidelidade é a emocional —ver pag 253—.

20. Orejarena, Cortês, Ávila e Santelis; assim como Barlow e Durand; Belloch, Sandin e Ramos e Green, indicam que o transtorno da identidade sexual —identificação com o sexo oposto—, definido como um transtorno pelos manuais de psiquiatria, é devido a uma falta de modelos paterno ou materno. Também fala do excesso de zelo materno ou paterno como causador. Belloch et al. vão além

e indicam que muitas vezes a causa pode ser forçar ao menino a adotar condutas do sexo oposto, e que em ocasiões são alentados a isso pelos próprios pais. No mesmo sentido se pronunciam Person e Ovesey (1983).

21. Biller (1971), (1974) e (1993) recolhe mais de 1000 estudos e artigos sobre a importância do rol paterno no desenvolvimento do menino, e em contraposição com Judith Stacey, encontra que este é muito benéfico para o menino. No mesmo sentido, Pedersen (Ed.) (1980) e Radin et al. (1991). Estes últimos encontram que, em lares monoparentais, onde só há uma mãe, a influência do avô é benéfica para o menino, enquanto que estes benefícios se perdem se só está presente a avó. A autora conclui que a presença de um rol masculino para o menino, em ausência do pai, é benéfica e viceversa. Quer dizer, que a ausência deste rol é prejudicial.

22. Morgan (2001) revisa 144 informes sobre o tema e conclui que muitos estudos têm graves falhas.

## 5. Conclusão

Embora muitos investigadores afirmam a soma de muitos estudos inválidos ou deficientes não permitem tirar conclusões válidas ou suficientes. Entretanto, depois de uma revisão extensa de todo tipo de relatórios relativos a adoção por casais homossexuais, observamos que não existe um acordo entre os distintos investigadores embora, pode argumentar-se que existe uma dúvida razoável sobre a idoneidade, devido a que tanto aqueles estudos que são contrários à adoção como muitos dos que são favoráveis, indicam diferenças nos meninos criados por casais homossexuais. Apoiando-se possivelmente em certas ideologias em vez de nas evidências, certos autores tratam de ocultar seus achados ou de matizá-los como se as diferenças achadas fossem "benéficas".

Por outro lado, nomeamos e explicou multidão de estudos que, sem entrar na temática homossexual, aconselham uma família formada por pai e mãe para a criação dos meninos, outros muitos nos falam da necessidade de estabilidade do casal, multidão de dados confirmam de maneira imparcial a instabilidade inerente nos casais do mesmo sexo. Outros estudos indicam, por exemplo, a maior tendência a sofrer afecções psicológicas em pessoas homossexuais, revelam um grau elevado de casos de transtornos de identidade sexual nos meninos criados por homossexuais, ou indicam rechaço do casal homossexual do pai/mãe biológico por parte do filho ou a busca do referente ausente —pai ou mãe.

Além de considerações éticas ou morais, nas quais este documento não pretende entrar, é prudente ter em conta outras de caráter pragmático, como a situação da adoção na Espanha. Segundo a Secretaria de Estado de Serviços Sociais, Famílias e Discapacidade Espanha é o primeiro país em adoções da Europa. O 80% dos meninos que são adotados por espanhóis vêm de outros países pois hoje é muito difícil conseguir menores espanhóis em adoção, por haver muita demanda de casais espanhóis. Dos 5541 meninos adotados o ano passado (2004) no estrangeiro, 2.389 provêm da China, 1.618 da Rússia, 349 de Ucrânia e 256 da Colômbia. Face às informações do Governo, estes países negam a adoção a casais do mesmo sexo. Perguntamo-nos se não se estará correndo o risco de condenar a uma infância de orfanato a mais de 5.000 meninos cada ano quando os países onde se realizam estas adoções se neguem à outorgar, por temor a que não se cumpra sua lei.

Ao iniciar este documento assentamos o bem-estar do menino como prioridade. depois de ver a situação da adoção na Espanha e repassar a bibliografia disponível sobre o tema, não podemos assegurar em nenhum caso a idoneidade dos casais homossexuais para adotar meninos. Assim, diante da dúvida que tal quantidade de bibliografia expõe, vemo-nos obrigados a advogar em benefício do menor e solicitar que não se concedam menores em adoção a casais do mesmo sexo.

## 6. Agradecimentos

As fontes utilizadas para elaborar este documento são muitas e muito variadas.

Sem tratar de ser exaustivo, pode encontrar-se mais informação em:

- HazteOir.org: <http://www.hazteoir.org>
- NARTH: <http://www.narth.com>
- FEGLT: <http://www.felgt.org/webportal>
- COGAM: <http://www.cogam.org>
- Universidade do Navarra: <http://www.unav.es>
- Plataforma "Não é igual": <http://www.noesigual.org>
- Universidade Nacional da Colômbia: <http://www.unal.edu.co>
- Universidade de Columbia (EUA): <http://www.columbia.edu>
- APA: <http://www.apa.org>
- AAP: <http://www.aap.org>
- Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.es>

Queríamos mostrar nosso especial agradecimento a Ihe Dale O'Leary e a United Families" — <http://www.unitedfamilies.org> — por nos ceder parte de seu trabalho.

1. Abel, G., Becker, J., Cunningham-Rather, J., Mittelman, M e Rouleau, J. (1988) Multiple paraphilic diagnose among sex offenders. Bulletin of the American Academy of Psychiatric Law. 16:153-168.
2. ACSF Investigators (1992), " AIDS and AIDS and Sexual Behavior in France" Nature 360
3. Agbayewa M. e B. Oluwaafemi, M. (1984) Fathers in the new family forms: Male or female. Canadian Journal of Psychiatry, 29, P. 402-405.
4. Allen, M., Burrell, N. (1996) Comparing the Impact of Homossexual and Heterossexual parents on Children: Coloque-analysis of Existing Research. Journal of Homosexuality. 32, 2:19-33.
5. Amer V. Johnson, (1997) Case Não. 92- 14370 (Broward County Circuit CT., 1997). 6. American Psychiatric Association (1997) Fact Sheet: Homosexuality and Bisexuality. Washington DC:APA. Sept.
7. American Acad. Child Adolesc. Psychiatry (1999) Mar;38(3):297-304.
8. American College of Pediatricians (2004) Parenting Issue: Homossexual Parenting: Is It Time For Change?
9. American Psychiatric Association (1994) Diagnostic and Statistical Manual IV. IV Washington DC: APA.
10. Andersson, G., Noack, T., Seierstad, A. e Weedon-Fekjær, H. Divorce-Risk Patterns in Same-Sex "Marriages" in Norway and Sweden. Mais informação em <http://paa2004.princeton.edu/download.asp?submissionId=40208>
11. Apperson, L. e McAdoo, W. (1968) Parental factors in the childhood of homossexuais. Journal of Abnormal Psychology. 73, 3: 201-206.
12. Arquite Gen. Psychiatry. (1999) Oct;56(10):876-80.
13. Asch, S (1997) "On the way to the water," water Lesbian Raising Sons, Los Angeles: Alyon Books.
14. Austin: The Medical Institute for Sexual Health, (1999) Health Implications Associated With Homosexuality
15. Baehr V. Miike, (1996) WL 694235 (Haw. Cir. CT. 1996).
16. Barlow & Durand. Psicopatología. Página 318.
17. Barret, R. L., e B.E. Robinson, (1990), Children of gay fathers, no R.L. Barret e B.E. Robinson, Gay fathers. Lexington, MA: Lexington Books.
18. Baumrind, D. (1995). Commentary on sexual orientation: research and social policy implications. Developmental Psychology, 31 (1), pp. 130-136.
19. Bailey, J., Miller, J., Willerman, L. (1993) Maternally rated childhood gender nonconformity in homossexuais and heterossexuais. Arquite of Sexual Behavior. 22, 5: 461-469.
20. Bailey, J.M., Bobrow, D., Wolfe, M., e Mikach, S. (1995). Sexual orientation of adult sons of gay fathers. Developmental Psychology, 31, 124-129.
21. Bailey, J.M. (1999), Commentary: Homosexuality and mental illness. Arch. Gen. Psychiatry 56.
22. Bates, J., Skilbeck, W., Smith, K e Bentley, P. (1974) Gender role abnormalities in boys: An analysis of clinical rates. Journal of Abnormal Child Psychology. 2, 1: 1-17.

23. Beitchman, J., Zucker, K., Hood, J., Dá- Costa, G. e Akman, D. (1991) A review of Apêndice 1: Bibliografia incluem-se nesta bibliografia artigos e documentos de todo tipo e opinião, sem exclusão alguma, com a única condição de que possam ser relevantes para determinar a idoneidade da adoção por parte de pessoas do mesmo sexo, de maneira que o interessado possa fazer uma idéia global do estado da questão. Alguns deles não foram citados diretamente neste texto, mas os consideramos interessantes por seu conteúdo. A maioria se referem diretamente à homossexualidade e adoção, outros tratam aspectos importantes, como a promiscuidade sexual ou a saúde nos casais homossexuais.
- the short-terms effects of child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*. 15: 537-556.
24. Belcastro, Philip; Gramlish, Theresa; Nicholson, Thomas; Price, Jimmie; Wilson, Richard (1993) Ao Review of Data Based Studies Addressing the Affects of Homosexual Parenting on Children's Sexual and Social Functioning. *Journal of Divorce & Remarriage*. 20(1/2) p.105-122.
25. Bell, A., Weinberg, M. (1978) *Homosexualities: A Study in Diversity Among Men and Women*. NY: Simon & Schuster.
26. Bell, A., Weinberg, M., Hammersmith, S. (1981) *Sexual Preference: Its Development in Men and Women*: Bloomington IN: Indiana U.P.
27. Belloch, A. Sandin B. e Ramos F. *Manual da Psicopatología*, Vol 1. Pág 445.
28. Bene, E. (1965) On the genesis of male homosexuality: An attempt at clarifying the role of the parents. *British Journal of Psychiatry*. 111: 803 - 813.
29. Bieber, I. e Bieber, T. (1979) Male homosexuality. *Canadian Journal of Psychiatry*. 24, 5: 409-421.
30. Bieber, I. et al. (1962) *Homosexuality: A Psychoanalytic Study of Male Homossexuais*. NY: Basic Books.
31. Bigner, J.J., e Jacobsen, R.B. (1989a). The value of children to gay and heterossexual fathers. *Journal of Homosexuality*, 19 (1/2), 163-172.
32. Bigner, J.J., e Jacobsen, R.B. (1989b). Parenting behaviors of homossexual and heterossexual fathers. *Journal of Homosexuality*, 18 (1/2), 173-186.
33. Bigner, J.J. e Jacobsen, R.B. (1992). Adult responses to child behavior and attitudes toward fathering: Gay and nongay fathers. *Journal of Homosexuality*, 23 (3), 99-112.
34. Biller, H. (1971) *Father, child and Sex Role: Paternal Determinants of Personality Development*
35. Biller, H. (1974) *Paternal Deprivation: Family, School, Sexuality and Society*
36. Biller, H. (1993) *Fathers and Families: Paternal Fatores in Child Development*,

Westport, CT: Auburn House.

37. Bozett, F. 1980, Gay fathers: how and why they disclose their homosexuality to their children. *Family Relations*, 29, 173-179.
38. Bradford J. et al. (1994), "National Lesbian Health Care Survey: Implications for Mental Health Care," *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 62
39. Bradley SJ, Zucker KJ. (1997) Gender identity disorder: a review of the past 10 years. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*; 36: 872-80.
40. Brewaeys, A., I. Ponjaert, E.V. Vão Hail, e S. Golombok, 1997, Donor insemination: child development and family functioning in lesbian mother Families with 4 to 8 year old children. *Human Reproduction* 12, 1349-1359.
41. Brooks, A. (1989) Experts find extramarital affairs have a profound impact on children. *New York Teme*. Mar. 9.
42. Bronstein P. et al. (1993), "Parenting Behavior and Children's Social, Psychological and Academic Adjustment in Diverse Family Structure," *Family Relations* 42: 268-276
43. Brown, D. (1963). Homosexuality and family dynamics. *Bulletin of the Menninger Clinic*. 27: 227- 232.
44. Bureau of Justice Statistics Selected Findings (1994) "Violence Between Intimates", November.
45. Cameron, P. e Cameron, K. (1996). Homosexual parents. *Adolescence*, 31(124), 757-776.
46. Cameron P. (1999) Homosexual parents: testing "common sense"--a literature review emphasizing the Golombok and Tasker longitudinal study of lesbians' children. *Psychol Rep*. 1999 Aug;85(1): 282-322
47. Cameron, P. e Cameron, K. (2002) *Psychol Rep*. 2002 Feb;90(1):71-82.
48. Caprio, F. (1954), *Female Homosexuality: A Psychodynamic Study of Lesbianism*. NY: Citadel, 1954, p.120, P. 307
- Chapman, B., Brannock, J. (1987) Proposed model of lesbian identity development: An empirical examination. *Journal of Homosexuality*. 14: 69-80.
50. Chan, R.W., Raboy, B., e Patterson, C.J. (1998). Psychosocial adjustment among children conceived via donor insemination by lesbian and heterosexual mothers. *Child Development* 69(2), 443-457.
51. Cramer, D, (1986) "Gay parents and their

- children: A Review of research and practical implications," *Journal of Counseling and Development*, April 1986
52. Crosbie-Burnett, M., e Helmbrecht, L. (1993). A descriptive empirical study of gay male stepfamilies. *Family Relations* 42 (July), 256-.
53. Dailey, TJ (2001) Homosexual Parenting: Placing Children at Risk. *Family Research Council – Issue Não.*: 238 - outubro
54. de Beauvoir, S. (1953) *The Second Sex*. NY: Knopf
55. Deevy, S. (1989) "When mom or dad comes out: Helping adolescents cope with homophobia," *Journal of Psychosocial Nursing*, 1989, 27(10) P. 34.
56. Deneen A.A. et al., "Intimacy and sexuality in gay male couples", *Arquive of Sexual Behavior*, 1994, 23, 421-431.
57. Doll, L., Joy, D., Batholow, B., Harrison, J., Bolan, G., Douglas, J., Saltzman, L., Moss, P., Magro, W. (1992) Self-reported childhood and adolescent sexual abuse among adult homosexual and bisexual men. *Child Abuse & Neglect*. 18: 825-864.
58. Duffy, D., Rusbuilt, C. (1985-86) Satisfaction and commitment in homosexual and heterosexual relationships. *Journal of Homosexuality*. 1: 21.
59. Eisenbud, R. (1982) Early and later determinants of lesbian choice. *Psychoanalytic Review*. 69, 1: 85-109
60. Eisold, B., 1998, "Recreating mother: The consolidation of 'heterosexual' gender identification in the young son of homosexual men," *American J. of Orthopsychiatry* 68, 3: 433-442.
61. Farberman, R. (2004). Council actions include gay-marriage resolution. *Monitor on Psychology*, 35, 9, P. 24.
62. FEGLT, Estudo sobre vulnerabilidade de jovens gl e suicídio. <http://www.felgt.org/WebPortal/LocalSol/DesktopModules/ViewItem.aspx?Alias=Rainbow&TabID=38&Lang=es&ItemID=120&mid=54&smid=54>.
63. Fergusson, D., Horwood, L., Beautrais, A. (1999) Is sexual orientation related to mental health problems and suicidality in young people? *Arquive of General Psychiatry*. 56, 10: 876 -888.
64. Fifield, L., Latham, J., Phillips, C. (1977) *Alcoholism in the Gay Community: The Price of Alienation, Isolation and Oppression*, A Project of the Gay Community Service Center, Los Angeles, CA.
65. Finkelhor, D. et al. (1986) *A Sourcebook*

on Child Sexual Abuse. Newbury Park CA: Sage.

66. Finkelhor, D (1984) Child sexual abuse: New theory and research. NY: The Free Press.

67. Fisher, S., Greenberg, R. (1996) Freud Scientifically Reappraisal. NY: Wiley & Sons.

68. Flaks, D.K., Ficher, I., Masterpasqua, F. e Joseph, G. (1995). Lesbians choosing motherhood: A comparative study of lesbians and heterossexual parents and their children. *Developmental Psychology* 31, 105-114.

69. Friedman, R. Stern, L. (1980) Juvenile aggressivity and sissiness in homossexual and heterossexual males. *Journal of the American Academy of psychoanalysis.* 8, 3: 427 - 440.

70. Garofalo, R., Wolf, R., Kessel, S., Palfrey, J., DuRant, R., (1998) The association between health risk behaviors and sexual orientation among a school-based sample of adolescents: Youth risk behavior survey. *Pediatrics.* 101, 5: 895-903.

71. Gartrell, N., Hamilton, J., Banks, A., Mosbacher, D., Reed, N., Sparks, C.H., e Bishop, H. (1996). The national lesbian family study: Interviews with prospective mothers. *American Journal of Orthopsychiatry* 66 (2), 272-281.

72. Golombok, S., Spencer, A. e Rutter, M. (1983). Children in lesbian and singleparent households: psychosexual and psychiatric appraisal. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 24, PP. 551-572.

73. Golombok, S. e Tasker, F. (1996). Dou parents influence the sexual orientation of their children: findings from a longitudinal study of lesbian Families. *Developmental Psychology*, 32, PP. 3-11.

74. GONZALEZ, M do M, Chacón, F., GApêndice 2: Estudos avaliados no Lerner, R. & Nagai, A. K. (2000a)8

1. Bailey, J.M., Bobrow, D., Wolfe, M., e Mikach, S. (1995)

2. Barret, R.L., and B.E. Robinson, (1990)

3. Bigner, J.J. e Jacobsen, R.B. (1992)

4. Bigner, J.J., e Jacobsen, R.B. (1989a)

5. Bigner, J.J., e Jacobsen, R.B. (1989b)

6. Bozett, F. (1980)

7. Brewaeys, A., I. Ponjaert, E.V. Vão Hail, e S. Golombok, (1997)

8. Cameron, P. e Cameron, K. (1996)

8 Ver referências na bibliografia

9. Chan, R.W., Raboy, B., e Patterson, C.J. (1998).

10. Crosbie-Burnett, M., e Helmbrecht, L. (1993).

11. Flaks, D.K., Ficher, I., Masterpasqua, F. e Joseph, G. (1995).
  12. Gartrell, N., Hamilton, J., Banks, A., Mosbacher, D., Reed, N., Sparks, C.H., e Bishop, H. (1996)
  13. Golombok, S. e Tasker, F. (1996)
  14. Golombok, S., Spencer, A., e Rutter, M. (1983)
  15. Green, R., (1978)
  16. Green, R. (1982).
  17. Green, R., Mandell, J.B., Hotvedt, M.E., Gray, J., e Sarnith, L. (1986)
  18. Hare, J. (1994)
  19. Harris, M., e Turner, P. (1986)
  20. Hoeffler, B. (1981)
  21. Huggins, S.L. (1989)
  22. Javaid, G.A. (1993)
  23. Kirkpatrick, M., Smith, C., e Roy, R. (1981)
  24. Koepke, L., Hare, J., e Moram, P.B. (1992)
  25. Kweskin, S.L., e Cook, A.S. (1982)
  26. Lewin, Ellen, e Terrie A. Lyons, (1982)
  27. Lewis, Karen Gail, (1980)
  28. Lott-Whitehead, L., e Tully, C. (1992)
  29. Lyons, Terry A., (1983)
  30. McCandish, B. (1987)
  31. McNeill, Kevin F., Beth M. Rienzi, e Augustine Kposowa, (1998)
  32. Miller, B. (1979)
  33. Miller, J.A., Jacobsen, R.B., e Bigner, J.J. (1982)
  34. Mucklow, B.M., e Phelan, G.K. (1979)
  35. O'Connell, A., (1993)
  36. Pagelow, DOUTOR EM MEDICINA, (1980)
  37. Patterson, C.J. (1994a)
  38. Patterson, C. J. (1996)
  39. Patterson, C.J. (1997)
  40. Pennington, S. B. (1987)
  41. Rand, C., Graham, D.L.R., e Rawlings, E.I. (1982)
  42. Riddle, D.I., e Arguelles, M. (1989)
  43. Ross, J., (1988)
  44. Tasker, F., e Golombok, S. (1995)
  45. Tasker, F. e Golombok, S. (1997)
  46. Turner, P.H., Scadden, L., e Harris, M.B. (1990)
  47. Weeks, R.B., Derdeyn, A.P. e Langman, M. (1975)
  48. West, R. and Turner, L.H. (1995). Communication in lesbian and gay families. T. J. Socha and G. H. Stamp (ed.), Parents, children and communication: frontiers of theory and research. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
  49. Wyers, N.L. (1987)
- 9 Ver referências na bibliografia
- Apêndice 3:
- Alguns estudos avaliados por Belcastro, P., et al. (1993)9

1. Golombok, S. et al. (1983)
2. Green, R. et al. (1986)
3. Hoeffler, B. (1981)
4. Kirkpatrick et al. (1981)
5. Lewis, K. (1980)
6. Miller, B. (1979)
7. Puryear, D. (1983)
8. Rés, R. (1979)
- 9 Ver referências na bibliografia